

Carlos Alberto Santos Costa

Praça da Sé, retrato do abandono

A virada do século XX para o XXI representou um momento marcante para o Brasil e para a sua primeira capital, Salvador, ante aos aniversários de 500 anos da nação e 450 anos da cidade. Naquela ocasião, vários eventos foram projetados em comemoração a esses instantes emblemáticos da história brasileira. Em Salvador, especial destaque foi dado à Praça da Sé. Situada no seio do Centro Histórico, a atual Praça da Sé, obra do prefeito Antônio Imbassay e projeto do famoso arquiteto Assis Reis, foi pensada para ser um monumento urbano que retrataria a antiguidade da ocupação desse solo e os novos tempos que se apresentavam.

Totalmente ornada com pisos e bancos de granito, aço inoxidável e árvores, a praça trouxe, ainda, a exposição de partes das ruínas de três sítios arqueológicos – a antiga Igreja da Sé, a Praça D. Isabel e o Colégio dos Jesuítas –, escavados pela equipe de arqueologia da FFCH/Ufba, simbolizando as primeiras ocupações urbanas; o busto de Pero Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil; a estátua de Zumbi dos Palmares, ícone da resistência negra no Brasil; a escultura Cruz Caída, de autoria de Mário Cravo Júnior, representando a demolição da primeira Catedral do Brasil; o Memorial das Baianas, dedicado a apresentar a tradição e história das mulheres que comercializavam o acarajé; e, finalmente, a fonte cibernética em forma de Cruz de Cristo, que num show pirotécnico unia sincronicamente movimentos de água, luz e som.

Todos esses dados levam a crer que a Praça da Sé, como um dos equipamentos de entretenimento urbano de Salvador, trazia representações da história, da tradição e da novidade que se complementavam mutuamen-

te, registrando a passagem de um momento especial da cidade.

Entretanto, apesar do júbilo que marcou aquele momento e de todo simbolismo conferido ao espaço, quase 13 anos depois, o que se tornou a Praça da Sé? Os mármores estão sujos e quebrados, necessitando de reparos. Os bancos servem de ponto comercial, sejam para ambulantes que vendem quitutes, ou pessoas subjugadas dos mecanismos públicos de assistência social que, como última alternativa, alugam os seus corpos ou vendem drogas. Os sítios arqueológicos são utilizados como lixeiras e banheiros públicos; aliás, uma vez inaugurada a praça, a prefeitura ignorou os seus compromissos legais com o tratamento dos materiais derivados das escavações arqueológicas, que se encontram, parte deles, jogados num depósito da Fundação Cidade Mãe, aguardando a destinação oficial. O busto do Pero Sardinha e a estátua do Zumbi dos Palmares estão com placas de mármore soltas. A Cruz Caída e o Memorial das Baianas mantêm isolamento urbano em face da baixa divulgação. E a fonte cibernética não funciona, tem água parada em pleno centro urbano e vive permanentemente suja e cheia de limo. Assim, a Praça da Sé, que deveria ser símbolo de um momento especial da cidade, é o retrato do abandono e do descaso conferidos ao patrimônio em Salvador.

A cidade tem novo prefeito, ACM Neto, por sinal, do mesmo partido que governava Salvador na época da construção da atual Praça da Sé. Vamos ver o que nos reserva o futuro desse espaço: se ele voltará a simbolizar a história, a tradição e a novidade, ou continuará demonstrando o descaso com o patrimônio e com os equipamentos urbanos.

PMS / FMLF BIBLIOTECA	
Jornal: <i>Correio da Bahia</i>	
Data: <i>17/04/2013</i>	
Caderno: <i>24h</i>	Página: <i>2</i>
Assunto: <i>Água Verde Praça da Sé</i>	